

VERDADE COMO OCULTAÇÃO: *A GUERRA NOS BALCÃS DE CARLOS BRANCO*

Francisco NAZARETH*

- **RESUMO:** Este trabalho faz uma análise ao livro de Carlos Branco, “A Guerra nos Balcãs”, tendo em conta o processo analítico que este desenvolve em torno do trabalho dos media nos confrontos jugoslavos, dissecando a ideia de “ocultação” – melhor, desinformação – que os mesmos produziram, de maneira a apresentar uma “verdade” maniqueísta e fácil de digerir, no seu dualismo, que contrasta com o que ele constatou no terreno ao serviço das Nações Unidas. Branco demonstra, nas suas passagens por Mostar – onde se deu conta das ligações do exército croata à Alemanha e da entrada de combatentes islâmicos na Europa através da Bósnia (já que teve oportunidade de presenciar o pouco mencionado conflito croato-muçulmano), – pela Krajina – onde testemunhou a expulsão de milhares de sérvios pelo exército croata com apoio da NATO – e por Zagreb – onde como subchefe do Gabinete de Operações teve acesso a relatórios pormenorizados sobre o que se passou no massacre de Srebrenica – que a cobertura noticiosa da guerra foi facilitista e prendeu-se a um paradigma de diabolização dos sérvios que não mostrou que nos massacres cometidos nas guerras todos os grupos foram culpados e não apenas um. Branco deixa-nos, assim, uma leitura que nos prepara para analisar o discurso mediático sobre conflitos bélicos de forma mais distanciada.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Jugoslávia; CNN; ONU; Balcãs; ocultação; Srebrenica; Krajina; “Jihad”.

“Na Krajina não houve câmaras de televisão. Desapareceram os repórteres de guerra. Onde estavam as Christianes Amanpours deste mundo?” (BRANCO, 2016, p.270).

Introdução

O extrato em epígrafe é em si uma revisão concisa da tese defendida por Carlos Branco ao longo do seu livro, já que este trata precisamente daquilo que fica oculto, daqueles espaços numa guerra onde não houve câmaras de televisão e nos quais não houve sequer repórteres. Essa é a verdade em ocultação que o texto nos dá a conhecer, rompendo com o que vimos chamando em outros trabalhos (NAZARETH, 2021) de “paradigma

* Universidad de Playa Ancha, Centro de Estudios Avanzados, Viña del Mar – Chile. franaza@gmail.com.

Artigo recebido em 15/08/2021 e aprovado em 16/10/2021.

CNN”, ou seja, esse modelo de análise apressada que rejeita a complexidade do real e que é dualista – dado ser maniqueísta – dividindo, para facilitar, a realidade em um lado negro e um lado branco (os “bons” e os “maus”) e, por isso, esquecendo as várias nuances que a realidade apresenta em prol de uma visão marcada por estereótipos pré-concebidos sobre a Jugoslávia e os Balcãs em geral¹ que derivam do modo como a Europa sempre olhou para a região como se esta não fosse realmente europeia e estivesse marcada por um déficit de civilização². Este tipo de modelo interpretativo ressurgiu nas últimas guerras da Jugoslávia e foi apropriado pelos jornalistas que conceberam sempre os sérvios como os “maus”, os muçulmanos como “vítimas” e os croatas como “civilizados”, ou seja, europeus de pleno direito. Esta diabolização dos sérvios³ é algo que Carlos Branco desconstrói⁴ mostrando que crimes e massacres foram cometidos por todos os contendentes e não apenas por um dos lados. A análise de Branco é também muito crítica para com os intervenientes exteriores – não apenas o jornalismo apressado, mas também as grandes potências como a Alemanha e os Estados Unidos⁵.

Branco é Major-General do exército português. Esteve presente na ex-Jugoslávia ao serviço das Nações Unidas durante mais de um ano na qualidade tanto de Observador Militar como de Oficial de Inteligência e ainda como subchefe do Gabinete de Operações, função na qual o facto de ter sido Observador Militar lhe facilitou muito a ação. Durante

¹ Os “ódios ancestrais”, o “barril de pólvora da Europa”, etc.

² Maria Todorova (1997) define esta questão como “balcanismo”, ou seja, um olhar subalternizador que coloca os Balcãs como uma espécie de europeu deficiente, inserido no continente mas marcado por uma espécie de déficit civilizacional. Esta questão é herdeira da imaginação cultural que precede a viagem sobretudo no período do “Grand Tour” (esse início do turismo de massas marcado pela viagem da aristocracia europeia ao próximo Oriente) e que sempre colocou o “turco” como uma mistura de selvajaria e lascívia. Essa categorização cultural entra depois pelo discurso político (o “turco cruel”, o “homem doente da Europa”, etc) e marca não só o olhar europeu central sobre os Balcãs, mas também, por interiorização, o modo como os próprios povos balcânicos se veem entre si.

³ Talvez “vampirização” seja o termo correto, seguindo o que diz Vesna Goldsworthy sobre o modo como a literatura europeia concebeu os Balcãs nos séculos XVIII, XIX e inícios do XX. Pegando na concretização mais ou menos no quadro estabelecido por Maria Todorova, Goldsworthy (2013) faz uma análise da literatura europeia (sobretudo inglesa) que se debruçou sobre os Balcãs, muitas vezes sem que os autores tenham sequer visitado a região. Nesse contexto, os Balcãs são sempre vistos como um lugar de intrigas e assassinatos, marcados por uma violência endémica e por uma sede insaciável de sangue. É neste contexto que surge a figura do conde Drácula (inspirada numa personagem verídica) com a sua sede de sangue, pouco civilizada e dada à violência. Ela serve para verificarmos como as categorias negativas são adaptadas às diversas circunstâncias, servindo para isso este imaginário de subalternidade que coloca os Balcãs com um pé fora da Europa (vista como centro de “civilização”).

⁴ Não deixando de lhes atribuir responsabilidades quando isso se lhe apresenta como correto.

⁵ Misha Glenny (2000), na sua obra fundamental sobre a história dos Balcãs mostra como desde o século XIX – sobretudo a partir do Congresso de Berlim em 1878 – os destinos das várias regiões dos Balcãs, aliás, nações emergentes, esteve sempre ligado ao modo como as grandes potências puseram e dispuseram da península de acordo com os seus interesses estratégicos. Esta questão surge a partir da decisão sobre o que fazer com o moribundo Império Otomano (o “homem doente da Europa”) e estabelece o padrão pelo qual os Balcãs serão o balão de ensaio das políticas europeias no século XX. Mais: abre a porta para que as futuras nações balcânicas percebam que podem fazer o que quiserem umas com as outras desde que sejam apoiadas de fora por uma grande potência. Esta caixa de pandora marcará o futuro da península durante o sangrento século XX.

a sua presença no teatro de guerra esteve em Mostar⁶, na parte Sul da Krajina, no interior da Croácia (assistiu aos preparativos do exército croata para a “operação Storm” que aconteceria em Agosto de 1995) que fazia parte da quarta UNPA⁷ e em Zagreb onde, como subchefe do Gabinete de Operações, teve acesso privilegiado às testemunhas em primeiro grau que por lá passavam, nomeadamente o contingente holandês que cobriu a queda do enclave de Srebrenica⁸. A nossa análise do texto concentrar-se-á por isso no testemunho sobre os seguintes aspetos fundamentais: a passagem por Mostar, os acontecimentos na Krajina, a presença da “jihad” islâmica na Bósnia⁹ e Srebrenica. A análise dividir-se-á nestas quatro partes, tentando mostrar que muito do que se passou permaneceu oculto para a opinião pública mundial que ainda hoje emite juízos apressados sobre o que se passou no terreno.

1 – Mostar

Segundo Carlos Branco, a verdade sobre o conflito na ex-Jugoslávia está longe da forma maniqueísta com que este foi apresentado. A ex-Jugoslávia marca a génese da ordem unipolar vigente no início do século XXI e a guerra foi sobretudo uma derrota para todas as ex-repúblicas já que “desistiram de um projeto coletivo onde tinham voz, para se envolverem num outro onde são atores menores” (BRANCO, 2016, p.27). Por outro lado, esses conflitos trouxeram à baila a “politização da religião” (BRANCO, 2016, p.27) que hoje marca o mundo globalizado.

No seu périplo, Branco passa primeiro por Zagreb em pleno Verão, vendo que a cidade nada tinha a ver com as descrições dos jornalistas. O ambiente hedonista aí vivido não parecia o de uma cidade em guerra, o que marcou desde logo a sua desconfiança para com a narrativa hegemónica. Constatou também a antipatia das forças croatas para com o contingente da ONU, o que mostrava um país mal-agrado, já que de certa forma foi a presença internacional que permitiu à Croácia reagrupar e lançar a sua contra-ofensiva no Verão de 1995 (BRANCO, 2016). No seu caminho, Branco passa por Sarajevo onde o aconselham a permanecer longe das câmaras de televisão já que estas antecedem sempre “problemas”¹⁰.

⁶ Cobrindo o conflito croato-muçulmano, do qual pouco se falou na opinião pública ocidental.

⁷ Sigla para “*United Nations Protected Area*”.

⁸ Em relação ao qual a opinião de Branco é muito elucidativa sobre o modo como a imprensa internacional apresentou o evento.

⁹ Cujo facilitismo colaborativo dos muçulmanos bósnios apressou a entrada do Islão radical na Europa.

¹⁰ Esta visão surge mais elaborada no final do livro quando, à semelhança do General canadiano Lewis Mackenzie, responsabiliza as autoridades “bosníficas” (muçulmanos da Bósnia, assim designados) por provocarem massacres contra as suas próprias populações – atribuindo-os ao contingente sérvio da Bósnia – para obterem favores da comunidade internacional. Voltaremos a esta questão, contudo, fica a referência: Major-General Lewis MacKenzie (1993).

Ao chegar a Mostar Branco fica estarrecido com o facto de os militares croatas da zona saudarem os demais com o gesto nazi, acompanhado com um “heil”¹¹. Ele contextualiza isto de duas maneiras: por um lado o exército croata da Bósnia era uma criação política do próprio partido do presidente Tudjman, o HDZ¹² e por outro os antecedentes históricos de Tudjman levaram a esse viés ideológico: Tudjman fizera parte dos “Partizan”, mas rompera, tendo-se transformado em “historiador” e escrito um livro que não só desculpava o Holocausto como manifestava simpatia por ideias fascizantes (BRANCO, 2016). Essa ligação ideológica entrava assim na formação militar do HVO¹³ e no revanchismo que as forças croatas mostraram durante a guerra, concebendo-a quase como uma vingança pela derrota na IIª Guerra Mundial dos “Ustashe” liderados por Ante Pavelic¹⁴. Nesse sentido, Mostar era central, já que era a capital da auto-proclamada “República Croata da Bósnia-Herzegovina”. A ideia purificadora que estava por trás disso, chocava com o facto de antes da guerra a população da cidade ser constituída por 34% de muçulmanos, 37% de croatas e 17% de sérvios. Em 1997, já só restavam 2% de sérvios tendo as populações muçulmana e croata aumentado para 50% e 47% respetivamente. Aliás, qualquer visitante que vá à cidade¹⁵, constata que esta está dividida: o lado Leste é quase exclusivamente muçulmano e o Oeste é croata. A linha de divisão é o rio Neretva¹⁶ a linha da frente na guerra. Os muçulmanos estavam de facto cercados, já que tinham os sérvios mais a Leste enquanto os croatas tinham saída para Oeste em direção ao Adriático. O conflito entre croatas e muçulmanos¹⁷ prolongou-se mais ou menos até Fevereiro de 1994, constituindo “uma guerra civil no interior de outra guerra civil” (BRANCO, 2016, p.51) que deixou a cidade num estado deplorável. Os bombardeamentos da artilharia croata destruíram, inclusivamente, a velha ponte otomana¹⁸, “ex-libris” histórico hoje recuperado. Só em Março de 1994 é que os americanos impuseram um acordo de paz a croatas e muçulmanos, que nunca foi bem aceite pelos croatas: Branco testemunhou a desconfiança existente entre as partes¹⁹.

¹¹ Não conseguimos encontrar confrontação em nenhum outro texto para esta questão.

¹² “*Hrvatska Demokratska Zajednica*”

¹³ “*Hrvatsko Vijeće Obrane*”

¹⁴ Um dos fenómenos menos conhecidos sobre o estado croata fascista da IIª Guerra Mundial é o papel de cumplicidade desenvolvido pela igreja, nomeadamente, pasme-se, pelos Franciscanos. Se bem que se conheça a participação do Cardela Aloysius Stepinac, pouca gente ouviu falar dessa participação, nomeadamente na região da Krajina. Destaca-se, por exemplo, o frade Silvije Frankovic e o seu papel sangüinário no massacre de sérvios. Um dia, em Bugojno, um dos membros dos destacamentos “Ustashe” da região perguntou-lhe se se podia confessar, já que tinha assassinado catorze sérvios. Frankovic respondeu-lhe: “é muito cedo para ti; volta cá quando tiveres assassinado quarenta”. Ver: Karlheinz Deschner (2013).

¹⁵ Nós próprios constatámos isso, além de termos reparado que as marcas da guerra são mais óbvias em Mostar do que em Sarajevo. Não sabemos se hoje ainda será assim.

¹⁶ Com a sua selvagem beleza esverdeada.

¹⁷ Que estiveram do mesmo lado até Junho de 1992 para expulsarem os sérvios.

¹⁸ “*Stari Most*”.

¹⁹ Além da ubiquidade da saudação nazi entre os croatas, o mesmo com a bandeira alemã nos uniformes, o que atestava bem a sua tendência germanófila (BRANCO, 2016).

Durante a sua presença em Mostar, Branco tornou-se amigo de uma alemã que fazia parte da administração da CE²⁰. Foi com ela que teve conversas sobre as “responsabilidades alemãs no conflito” (BRANCO, 2016, p.58), como por exemplo o papel da Alemanha no Conselho Europeu de Dezembro de 1991 no qual a Alemanha, apesar de isolada, conseguiu impor a sua vontade, fazendo com que os outros parceiros reconhecessem a independência da Eslovénia e da Croácia²¹. A Alemanha “coagiu” (BRANCO, 2016, p.58) os parceiros europeus com um repto: ou o fim da Jugoslávia ou o da CE. Essa intransigência abriu a caixa de Pandora, já que não foram acautelados os interesses das minorias nas várias repúblicas. Essa questão era sobretudo dramática na Croácia por causa da Krajina. De facto, é a implosão da Jugoslávia que permite à Alemanha a inclusão da Eslovénia e da Croácia no seu “espaço vital”²². A amiga alemã de Branco não concordava com esta visão. Para ela a Alemanha já tinha “pago o suficiente pelos erros do passado” (BRANCO, 2016, p.59) e estava na altura de se afirmar de novo na cena mundial.

Branco presenciou também o uso corrente do marco alemão no comércio²³ e o facto da ajuda humanitária na Bósnia se ter transformado numa fonte para o mercado negro, já que os produtos eram vendidos “publicamente e sem decore por pessoas ligadas a grupos de traficantes” (BRANCO, 2016, p.63). Desta forma, a ajuda humanitária acabou por contribuir para prolongar o conflito²⁴: esta foi uma das muitas tragédias que consumiu os vários conflitos jugoslavos²⁵. Branco constatou também que, apesar do acordo de Washington²⁶, os soldados croatas sentiam júbilo quando as patrulhas muçulmanas eram atacadas por sérvios, daí que Mostar fosse a face visível de um casamento de conveniência.

Assinala também que é o acordo de Washington que marca a entrada americana no protagonismo da guerra. Os EUA tinham ajudado a sabotar todos os planos de

²⁰ Comunidade Europeia: na altura ainda não existia o termo União Europeia.

²¹ Em outro texto que escreveu, Branco (2018) enfatiza ainda mais esta perspectiva, falando mesmo na “sediciosa” maneira como a Alemanha apoiou Franjo Tudjman (desestabilizando a Federação) mesmo antes do fim da Jugoslávia.

²² Noção que permanece perfeitamente atual, se tivermos em conta a importância, por exemplo, da “Doutrina Monroe” para os Estados Unidos, que concebe o hemisfério ocidental como a sua área de influência (RENEHAN, 2007).

²³ Pensamos que ainda hoje a moeda da Bósnia se chama “marco convertível”.

²⁴ Já que, sendo as redes de tráfico inter-étnicas, quem lucra não está interessado em que a conjuntura dos seus rendimentos termine.

²⁵ Durante a guerra, muitos jornalistas internacionais tiveram dificuldades em perceber, por exemplo, porque é que o conflito no enclave de Bihac era entre duas fações muçulmanas, a do Presidente Izetbegovic e a de Fikret Abdic. O que acontece é que Abdic (muito querido entre as populações de Velika Kladusa), que tinha sido um próspero gestor durante os tempos da Jugoslávia na empresa “Agrokomerc”, criara um ambiente de negócios que o levava a estabelecer trocas com os croatas e os sérvios (além dos muçulmanos) junto das linhas de fronteira estabelecidas pelas ex-repúblicas. Abdic, que era um muçulmano laico e que tinha ganho a Izetbegovic as primeiras eleições bósnias de 1990 (tendo-lhe sido retirado o resultado em circunstâncias mal esclarecidas) era mal visto pela administração de Sarajevo que acabou por eliminar a sua resistência (VEIGA, 2011).

²⁶ Entre croatas e muçulmanos.

paz apresentados até então²⁷ para agora virem com algo parecido, chamado “grupo de contacto”²⁸. Este plano “pressupunha a limpeza étnica como um dado adquirido e a partição do país” (BRANCO, 2016, p.70). Outro dos aspetos da sua passagem por Mostar foi a constatação do respeito que a figura do Marechal Tito inspirava²⁹. Verificou a omnipresença do seu nome em ruas e a ubiquidade da sua fotografia em quase todas as casas. Isto era marcante sobretudo entre os muçulmanos. Contudo, embora seja verdade que Tito apoiou o reconhecimento da identidade muçulmana, o respeito para com a sua figura em todas as repúblicas³⁰ é uma mostra de que – sub-textualmente – todos ainda encaram a guerra como um erro. Além disso, o apoio de Tito ao reconhecimento do Islão como marca identitária abriu, por exemplo, ao facto de durante a guerra, a visibilidade dos cemitérios muçulmanos se ter transformado numa arma de vitimização política. Outra das constatações de Branco foi o roubo frequente e deliberado de viaturas da ONU que depois eram usadas para transporte de armas pelos muçulmanos. Para não ter problemas, grande parte do “staff” da ONU “assobiava para o lado”. Esta foi outra das muitas questões que nunca apareceram nos media tradicionais, já que ia contra a visão “heroica” da resistência dos muçulmanos contra os “vampiros” sérvios. É ainda durante finais de 1994 que Branco descobre que a “Armija”³¹ dissimulava aldeias abandonadas para aí esconder armamento e preparar uma contra-ofensiva.

2 – Krajina

A Krajina correspondia a uma faixa de território na Croácia que se estendia da margem do Danúbio a Leste, bordejando a margem do Sava (e da fronteira com a Bósnia) a Sul e estendendo-se ao Adriático, próximo da cidade de Zadar. Sendo povoada na sua esmagadora maioria por sérvios, estes foram levados para lá pelo Império Austro-húngaro durante o século XVI de forma a construir uma fronteira³² contra as terras otomanas a Sul. Desta forma, estes sérvios eram como um último bastião da cristandade contra o Islão³³ e

²⁷ Nomeadamente os planos “Cutileiro” e “Vance-Owen”.

²⁸ Formado por todos os membros do Conselho de Segurança da ONU, com exceção da China.

²⁹ Talvez com a exceção da croata, apesar de Tito ser croata, já que nasceu em Kumrovec, na zona da Croácia chamada Zagorija, que visitámos. Durante a nossa última estadia na cidade de Zagreb, ainda se discutia se o nome da praça principal da cidade (“Marechal Tito”) deveria mudar.

³⁰ Algo que nós próprios também presenciámos nas nossas viagens pela ex-Jugoslávia.

³¹ O nome do exército muçulmano da Bósnia.

³² Krajina quer dizer “limite”, “fronteira”, “termo” em servo-croata, assim como “Ukraina” significa o mesmo em russo e ucraniano.

³³ Embora esta diferença não tenha as nuances da atualidade, é curiosa a perspetiva que Branco apresenta em outro artigo em que fala do Islão na Bósnia. Embora não concordemos com a sua perspetiva sobre o Império Otomano (que nos parece marcada pelas leituras nacionalistas sobre o “jugo” e a “escravidão” que foram marcantes durante a emergência nacional do século XIX e que permanecem nas histórias de cunho oficial) é curioso o que ele diz sobre a postura dos “beys” (nobres bósnios muçulmanos) durante o declínio do império. Na sua perspetiva, eles alinharam sempre com os nacionalismos sérvio (de cariz linguístico) e croata (marcadamente terra-tenente) consoante os “ventos” de ocasião, definindo assim uma postura oportunista que entraria no século

adquiriram desde esse momento uma enorme fama guerreira e independentista³⁴ que se manteve até finais do século XX: altura em que os cerca de 200.000 sérvios da região foram expulsos pela Guarda Nacional Croata (com o apoio logístico e aéreo da NATO) naquela que terá constituído a maior “limpeza étnica” das guerras. Este episódio coincide com a presença de Carlos Branco no terreno e ele conta-o de forma emotiva: sobretudo para dizer que nessa circunstância não houve câmaras de televisão ou jornalistas estrangeiros. Esse crime permaneceu estrategicamente oculto (BRANCO, 2016). Para Branco, os sérvios da Krajina foram abandonados tanto por Milosevic (que via neles um obstáculo à sua consolidação de poder) como pela comunidade internacional, já que impediam os planos norte-americanos de criação de setores etnicamente “puros”, de forma a dividir a Jugoslávia prevenindo reivindicações futuras (BRANCO, 2016).

Durante o início da guerra, a Krajina foi dividida em 4 UNPA – setores Leste, Norte, Sul e Oeste – já que o JNA³⁵ (nessa altura já apenas o exército sérvio) não avançou pela Croácia após a queda de Vukovar³⁶ e por isso a ONU decidiu criar essas zonas de proteção de modo a evitar que as milícias croatas atacassem as populações sérvias. É também por isso que nessas zonas os sérvios nunca desarmaram, já que não confiavam na defesa da ONU (BRANCO, 2016). A Krajina tornou-se, até à sua queda em 1995, de facto uma república autónoma interior à Croácia³⁷. O raciocínio de base para essa proclamação de independência era simples: se a Croácia tinha o direito de secessão em relação à Jugoslávia, então a Krajina tinha o mesmo direito em relação à Croácia³⁸. Este foi o caso típico das situações criadas pelo reconhecimento da Eslovénia e da Croácia em 1991³⁹ que era evitável caso houvesse uma posição firme da comunidade internacional quanto à manutenção das fronteiras federais, de acordo com a convenção de Helsínquia.

Tendo sido colocado na zona da Krajina Sul, junto a Sibenik, Branco pôde constatar desde cedo que o exército sérvio estava mal preparado (BRANCO, 2016). Aliás, Tudjman ameaçou várias vezes a ONU de que não renovaria o seu mandato e isso ficou patente, por exemplo, no ataque à bolsa de Medak⁴⁰ no qual o exército croata expulsou as forças sérvias aí localizadas e cometeu vários crimes contra a população civil (BRANCO, 2016). Aliás, as quezílias perto de Sibenik datavam já de 1990, mesmo antes do início oficial

XX e que passava pela tentativa de manter privilégios. É por isso que grande parte das elites muçulmanas bósnias acaba por colaborar com o regime fascista croata (e por entrar inclusivamente nos massacres de sérvios, judeus e ciganos) já que isso lhes convinha no momento (BRANCO, 2009).

³⁴ Era, de facto, uma área autónoma dentro do Império. A Krajina só perde a sua independência quando é anexada pelo estado fascista croata na IIª Grande Guerra.

³⁵ Sigla do exército jugoslavo: “*Jugoslovenska Narodna Armija*”.

³⁶ Por ordens explícitas de Milosevic que já nessa altura pensava em cumprir o infame acordo de Karadjodjevo com Tudjman, de modo a dividir a Bósnia (VEIGA, 2011).

³⁷ O que também acontecia mais a Sul com a “República Croata de Herceg-Bosna”.

³⁸ O que foi confirmado também por um referendo.

³⁹ Por impulsão alemã (VEIGA, 2011).

⁴⁰ Onde faleceram militares canadenses ao serviço da ONU (TAYLOR, 2000; PEREIRA, 1995).

da guerra. Por outro lado, Branco constatou que à má preparação das forças sérvias, se opunha um exército croata que já nessa altura preparava o que viria a ser a ofensiva de 1995. Era já óbvia a opção croata pela via militar (à revelia da ONU) pois contava com o apoio americano: “do lado croata (...) não faltava nada; (...) do lado sérvio faltava quase tudo” (BRANCO, 2016, p.106).

A primeira zona da Krajina a cair foi o setor Oeste na operação “flash” de Maio de 1995, o que antecipava que a próxima ação seria nas zonas Norte e Sul, “restava saber quando e onde” (BRANCO, 2016, p.107). O plano croata passava pela sua expansão na zona ocidental da Bósnia⁴¹ de modo a cortar as linhas de alimentação sérvias e promover duas frentes: a Leste (na Bósnia) e a Oeste (na Croácia). No seu processo de rearmamento, a Croácia violou o embargo de armas decretado pela ONU e recebeu armamento eficiente, sobretudo a partir do antigo arsenal da Alemanha de Leste (BRANCO, 2016). Devido à insistência da ONU nas missões de observação, Branco constatou que a antipatia para com a mesma (já evidenciada em Mostar) mostrava da parte croata que a organização era um empecilho para com os seus desejos (BRANCO, 2016).

A ofensiva croata (que ficou conhecida como “operação Storm” e ocorreu no início de Agosto de 1995), começou, de facto, a 25 de Julho com o ataque a Bosansko Grahovo. Este foi uma decisão de Tudjman, já que o líder dos sérvios da Krajina, Milan Babić, aceitaria a integração minoritária na Croácia (BRANCO, 2016). Apesar da aquiescência sérvia – reconhecida pelo Embaixador americano – Tudjman decidiu avançar: “durante os cinco dias da operação, cerca de 180.000 sérvios fugiram da Krajina, naquilo que foi o maior êxodo de refugiados na Europa desde a IIª Guerra Mundial” (BRANCO, 2016, p.125). O que começou por ser uma operação militar “transformou-se numa vaga de assaltos, roubos e assassinatos de civis em massa. A maior parte destas ações ocorreu longe dos media, que durante os primeiros dias foram convenientemente impedidos de entrar na zona de operações” (BRANCO, 2016, p.125). Depois disto, apenas ficava pendente a Krajina Leste, na Eslavónia, além da península de Prevlaka. Branco visitou a Krajina imediatamente após a operação “Storm” naquilo que descreve como “uma descida às trevas” (BRANCO, 2016, p.134): corpos carbonizados junto à estrada, casas a arder com as portas e janelas abertas (indícios de uma saída precipitada), pilhagem de bens, (“móveis, eletrodomésticos, alfaia agrícola, etc., foi tudo roubado” (BRANCO, 2016, p.136)). O que mais o chocou foi o modo como os soldados croatas roubavam as pensões dos idosos desprotegidos que ficaram para trás: “os assaltantes esperavam que os idosos fossem buscar as suas pensões para então os “visitarem”” (BRANCO, 2016, p.137). “Esta viagem pela Krajina ficou-me gravada na memória para sempre. Passados vinte anos, ainda tenho presentes as imagens dos corpos em decomposição nas valetas das estradas. Estes acontecimentos afinal não eram exclusivos do Rwanda ou do Burundi. Aconteciam também na nossa Europa “civilizada”” (BRANCO, 2016, p.137). A Krajina tinha-se transformado “num cemitério ao ar livre” (BRANCO, 2016, p.141). Os poucos soldados sérvios que não conseguiram fugir foram dizimados. Algumas casas foram queimadas com as pessoas lá

⁴¹ Contrariando as resoluções da ONU que impediam a interferência exterior na Bósnia (BRANCO, 2016).

dentro e o exército croata impediu sistematicamente a entrada de equipes de filmagem⁴². “Nos finais de Agosto, os cemitérios estavam a abarrotar de sepulturas recentes (...). Recebíamos frequentemente relatos de pessoas que desapareciam, para aparecerem mortas passado algum tempo” (BRANCO, 2016, p.145). No entanto, “os esforços para parar com as violações dos Direitos Humanos nas Krajinas foram ineficazes. Faltou o empenho e a determinação dos líderes políticos mundiais” (BRANCO, 2016, p.148). A comunidade internacional não só não fez nada como foi cúmplice da barbárie: “fingiu-se que não se sabia. Tudjman conseguiu fazer aquilo que o Estado Ustasha fascista não tinha conseguido fazer durante a IIª Grande Guerra: expulsar a população sérvia das Krajinas” (BRANCO, 2016, p.152).

3 – “Jihad”

“Jihad” significa “guerra santa”, uma guerra que é feita no contexto de uma tentativa de expansão da religião de forma global. O que ela tenta implantar nos territórios que ficam sob sua alçada é a “sharia”, a “lei islâmica” que provém de uma leitura literal do Corão. Esta ideia não é generalizada nos países islâmicos; ela provém de uma seita Sunita⁴³ da Arábia Saudita, o “Wahabismo”, que desenvolveu uma série de preceitos radicais durante o século XIX, mas que só alcançou proeminência com o desenvolvimento do pensamento do egípcio Ibn Qutb em pleno século XX. Por isso, e como bem nota John Gray (2005), o Islão político é um fenómeno intrinsecamente moderno: nasce no seio das sociedades industrializadas e responde às ansiedades de certo número de clérigos perante os desenvolvimentos das sociedades ocidentais durante a primeira metade do século XX. Ibn Qutb, que estudou nos Estados Unidos e foi um dos mentores da AlQaeda, escrevia criticando a licenciosidade e permissividade dos comportamentos dos jovens ocidentais, o que teve influência sobretudo no modo como encara o papel subalterno das mulheres na sociedade. A adoção dos preceitos “wahabitas” foi o passo seguinte na criação de uma versão radical, bélica e expansionista do Islão que teve o seu grande início na vitória do Afeganistão contra a União Soviética na guerra dos anos 80 do século XX, em que desportaram os “mujahdeen” (ou “guerreiros da fé”).

Na opinião de Carlos Branco, a guerra na Bósnia marca o início da entrada deste tipo de pensamento na Europa, anos antes dos atentados de Nova Iorque. Branco começou a perceber a presença de “mujahdeen” ainda durante o período de Mostar, e foi nessa altura que reparou nos relatórios que datavam a entrada destes guerrilheiros a 1992 por convite do Presidente Izetbegovic e provenientes do Afeganistão (BRANCO, 2016). O número de tais combatentes chegou a ser de 4000 já em 1995, sendo militares bem preparados que entram na Bósnia como mercenários, mas com o pretexto da “jihad”. A

⁴² O que aconteceu por conviência das mesmas, já que não houve insistência para fazer noticiar os eventos.

⁴³ Entre os sunitas existe a crença de que o Califa (líder político e religioso do Islão) deve ser escolhido pelos próprios fiéis, enquanto que os xiitas veem como sucessor legítimo Ali, o primeiro Imã designado, que era genro de Maomé e que foi assassinado (SALAMAH, 1998).

campanha de vitimização do governo “bosniaco”⁴⁴ - na qual os media ocidentais alinharam acriticamente (BRANCO, 2016) - teve bastante impacto no mundo islâmico⁴⁵. Aliás, a presença desses combatentes na Bósnia foi cuidadosamente preparada pela AlQaeda⁴⁶. Por causa disso, Branco resolveu fazer uma leitura da *Declaração Islâmica* de Izetbegovic (1990), ficando estupefacto com a mesma e entendendo a noção de “martírio” que foi aplicada na Bósnia. Descobre aí a ideia de Izetbegovic de tomar o poder em nome do Islão e a sua hostilidade para com regimes muçulmanos laicos. Mais: o pensamento de Izetbegovic, aparecia escondido quando havia ocidentais por perto, o que ajuda a explicar o seu comportamento quanto aos bombardeamentos no centro de Sarajevo e na queda de Srebrenica; como ele diz, “*no combate por uma ordem islâmica, todos os métodos são permitidos*” (BRANCO, 2016, p.158)⁴⁷. Como diz Branco, “era agora claro para mim que o projeto do SDA⁴⁸ era islâmico (...) situando-se bem longe da explicação que nos era servida no Ocidente” (BRANCO, 2016, p.158). A missão dos “jihadistas” na Bósnia fazia assim sentido no contexto do pensamento de Izetbegovic. Aliás, o seu objetivo desde jovem foi estabelecer um estado islâmico na Bósnia. Daí que um dos primeiros passos do SDA tenha sido o afastamento dos muçulmanos laicos, fazendo jogo duplo para agradar ao Ocidente. Contudo, quem quisesse perceber, fá-lo-ia: segundo Branco, “os gatos deixavam os rabos de fora e ninguém queria ver” (BRANCO, 2016, p.159). Izetbegovic tinha aliás sido preso em 1983 com outros ativistas por propagar o nacionalismo islâmico na Jugoslávia⁴⁹. Qualquer investigação minimamente profunda teria entendido isso. Ao invés, os media ocidentais decidiram ocultar essas informações ou ignorá-las. Políticos, académicos e jornalistas ignoraram a ampla evidência da “jihad” na Bósnia e o barbarismo dos seus guerrilheiros⁵⁰. Aliás, os “mujahedeen” consideravam os muçulmanos bósnios moralmente fracos por comerem carne de porco, beberem álcool e por as mulheres se vestirem de forma licenciosa como as ocidentais. A ONU foi informada pela Jugoslávia sobre estas milícias, mas ninguém prestou atenção. Tal presença gerou mesmo tensões com os croatas por alturas dos acordos de Washington em 1994. Havia também competição entre o Irão e a Arábia Saudita (xiitas e sunitas) pela influência sobre o governo de Sarajevo. Até os EUA ignoraram a presença do Irão na Bósnia já que se encontravam “do mesmo lado da barricada” (BRANCO, 2016, p.164).

⁴⁴ Nome habitual para os muçulmanos bósnios.

⁴⁵ Nós próprios presenciámos, numa das nossas passagens por Sarajevo, uma guia turística narrar a guerra da Bósnia a turistas islâmicos, destilando o seu ódio anti-sérvio.

⁴⁶ O próprio Bin Laden visitou a Bósnia, assim como o seu “número dois” Ayman al-Zawahiri; diz Branco (2016, p.155-156): “as minhas suspeitas sobre estes grupos confirmaram-se quando, em finais de Outubro de 1994, leio na resenha de imprensa da UNPROFOR que Izetbegovic tinha sido proclamado comandante honorário da 7ª Brigada Muçulmana numa cerimónia pública em Zenica”.

⁴⁷ A citação de Izetbegovic está em itálico no original.

⁴⁸ “*Stranka Demokratske Akcije*”

⁴⁹ A segunda vez que isso aconteceu no tempo da Jugoslávia, já que também tinha acontecido no tempo de Tito.

⁵⁰ José Ángel Ruiz Jiménez também fala destes guerrilheiros “importados” e das suas difíceis relações com a população bósnia muçulmana (RUIZ JIMÉNEZ, 2016).

Muitos dos combatentes da “jihad”⁵¹ acabaram, depois, por ficar na Bósnia e impuseram a “sharia” em algumas aldeias da Bósnia central. Para Branco, a Bósnia é o berço europeu da “jihad”. A comunidade internacional ficou muito indignada com os atos bárbaros cometidos pelo “Daesh”⁵² na Síria, só que nada disso é novo: aconteceu o mesmo na Bósnia, havendo na altura ocultação e falta de atenção.

4 – Srebrenica

Carlos Branco não foi testemunha direta do massacre mais mediático da guerra. A sua reconstituição dos eventos deve-se ao facto de, na altura, desempenhar as funções de vice-chefe do gabinete de operações no quartel-general da ONU em Zagreb. Nessa qualidade, teve acesso a informação privilegiada já que os observadores militares passavam pelo seu gabinete (vindos do cenário de operações) em finais de missão. Também era aí que chegavam os relatórios provenientes da “frente” nos quais se dava conta dos desenvolvimentos no terreno. Foi a partir desses testemunhos que Branco pôde “reconstituir o assalto” (BRANCO, 2016, p.175) e apresentar uma visão alternativa do que se passou nesses sombrios dias de Julho de 1995. A queda de Srebrenica foi a “gota de água” (BRANCO, 2016, p.177) que abriu para o cume da suprema diabolização dos sérvios da Bósnia pela comunidade internacional. Para Branco, é clara a razão pela qual os sérvios atacaram o enclave: foi uma retaliação pelo facto de as milícias de Naser Oric terem usado o enclave como base⁵³ para atacar e “limpar” aldeias sérvias vizinhas⁵⁴ nos anos imediatamente antecedentes a 1995. Por outro lado, a tomada de Srebrenica⁵⁵ faria com que o exército sérvio da Bósnia deixasse de ter que lutar em duas frentes, pois deixaria de ter enclaves nas suas costas, concentrando-se a Oeste.

O que não é claro é porque é que os muçulmanos não reagiram e até abandonaram o enclave. Nesta questão, Branco apela para a perspectiva defendida por Izetbegovic em relação ao “martírio”, ou seja, é dever de qualquer muçulmano tendo em conta os desígnios superiores de Alá, martirizar-se pela causa do Islão na “jihad”. Assim, de certa forma, Srebrenica foi “sacrificada” pela autoridade muçulmana de Sarajevo em prol da futura realização do “califado” da Bósnia.

Srebrenica, como “zona protegida”, era supostamente desmilitarizada: tal nunca aconteceu. O batalhão holandês era demasiado pequeno para desarmar as milícias que ocupavam o enclave (BRANCO, 2016). Por outro lado, as relações com os sérvios também não eram boas, pois estes sabiam que as milícias muçulmanas usavam o lugar como base

⁵¹ A Albânia, a Eslovénia, a Croácia e a Áustria contribuíram na contratação de guerrilheiros para a Bósnia. Houve inclusivamente ataques de “mujahedeen” a “capacetes azuis” da ONU, mas tudo isso caiu em saco roto.

⁵² “Estado Islâmico” do Iraque e da Síria.

⁵³ Srebrenica era considerada uma “área segura” pela ONU. Como Branco escreve, também sobre as UNPA da Krajina, estas zonas nunca foram de facto desmilitarizadas.

⁵⁴ Sobretudo no vale do Drina, a Sul de Zvornik, assim como nas zonas de Bratunac e Rogatica.

⁵⁵ Assim como dos enclaves de Gorazde e Zepa.

para fazer “raids” às aldeias sérvias e chacinar civis⁵⁶. Por seu lado, as milícias muçulmanas teriam cerca de 4000 homens no local⁵⁷. No início de Julho, as forças sérvias reforçaram-se a partir de Zvornik (com contingentes vindos da Sérvia) razão pela qual o comandante da força holandesa autorizou os muçulmanos a recolherem armamento pesado que se encontrava sob custódia. Com a pressão das forças sérvias, o contingente internacional tentou retirar, mas foi impedido pela “Armija” que, de certa forma, o manteve como refém. Os holandeses pediram então um ataque aéreo (como ultimato), mas receberam como resposta uma missão impossível: impedir a entrada dos sérvios no enclave. Desta forma, a posição da ONU tornou-se apenas simbólica, já que sem apoio aéreo pouco poderiam fazer. Nos dias 11 e 12 de Julho, grande parte da força muçulmana escapou em direção a Tuzla e os que ficaram usaram os holandeses como escudos para proteger as suas posições (BRANCO, 2016). Assim, sempre que os “capacetes azuis” se tentavam deslocar, a “Armija” só o autorizava se isso servisse os seus interesses de protecção. Muitos refugiados acompanharam as unidades que se deslocaram para Tuzla. Perante o tiroteio que se seguiu na cidade, muitos fogem para Potocari com parte dos holandeses: a prioridade passou a ser levar sobretudo mulheres, crianças e idosos.

Com a saída de grande parte da “Armija” e das milícias, quando os sérvios entraram na cidade encontraram-na deserta: “a fuga do ABiH⁵⁸ do enclave, apanhou o estado-maior do VRS⁵⁹ completamente de surpresa. Foi um choque. Era uma modalidade de ação “fora do baralho”, completamente imprevista. O VRS não se tinha preparado para essa eventualidade” (BRANCO, 2016, p.190). No entanto, a saída dos militares muçulmanos do enclave não foi pacífica: os holandeses assistiram mesmo a escaramuças entre soldados “bosníacos” provavelmente entre os que favoreciam a evasão e os que pretendiam ficar em combater. Por outro lado, em Potocari nas instalações da ONU havia entre 20 e 25.000 deslocados. Nessa altura, os sérvios, já em controlo, separaram crianças, mulheres e idosos dos homens entre 18 e 65 anos: isto ocorreu a 12 e 13 de Julho. Alguns homens foram interrogados, mas não houve evidência de maus tratos. Também não houve qualquer ataque pesado a Potocari. No dia 12 de Julho, os deslocados começaram a ser transportados para zonas em poder da federação croato-muçulmana. Durante a permanência dos observadores militares em Srebrenica, foram identificadas milícias sérvias pertencentes aos “Tigres” de Arkan⁶⁰ e a outros corpos paramilitares, o que mostrava que os sérvios tinham recorrido a militares de outras regiões para o ataque.

No rescaldo da operação sérvia, a ONU encontrou marcas de pilhagens, de destruição de residências e de pessoas mortas pelo chão: “dentro de umas semanas iríamos assistir a

⁵⁶ Nessa altura, tais aldeias eram já exclusivamente sérvias: grande parte da população muçulmana buscou refúgio nas “áreas protegidas” e por isso, por exemplo, a população de Srebrenica chegou a ser de 40.000 pessoas, 75% das quais eram deslocados de guerra.

⁵⁷ Durante o início da guerra, aquando da primeira ofensiva sérvia a partir de Bijeljina, grande parte do exército muçulmano bósnio, em retirada, destruiu uma grande parte da população sérvia do vale do Drina. Como mostra Carlos Santos Pereira (1995), a “vingança” vinha sendo uma coisa adiada, mas que iria acontecer.

⁵⁸ O mesmo que “Armija”, ou seja, o exército muçulmano da Bósnia.

⁵⁹ “*Vojaska Republike Srpske*”.

⁶⁰ Uma das mais temidas forças paramilitares sérvias durante as guerras de dissolução da Jugoslávia.

um “remake” destas cenas na Krajina, mas com dimensões muito maiores” (BRANCO, 2016, p.194). Contudo, “nem os observadores militares nem os capacetes azuis assistiram a cenas de execuções sumárias” (BRANCO, 2016, p.194). É bem certo, contudo, que a rapidez da evacuação não permitiu aos holandeses verificar todos os casos de violações dos Direitos Humanos. De acordo com o relatório do Ministério de Defesa holandês, houve execuções a 12 e 13 de Julho: “foram também vistas várias camionetas a recolher cadáveres” (BRANCO, 2016, p.195). Contudo, o General Ratko Mladic abriu um corredor de passagem aos deslocados para Tuzla e terão chegado a esta cidade, de acordo com o mesmo relatório, cerca de 35.000 deslocados. O que os sérvios fizeram, isso sim, foi “procurar soldados muçulmanos, muito em particular aqueles que tinham participado em ataques a civis sérvios fora do enclave” (BRANCO, 2016, p.195). Foram sobretudo estes que morreram: “os soldados sérvios oriundos da região e cujos familiares tinham perecido durante as incursões de Oric eram os mais empenhados” (BRANCO, 2016, p.196).

De um ponto de vista internacional, Srebrenica constituiu uma “orgia mediática” (BRANCO, 2016, p.196). Contudo, ocultou-se que, dadas as características do terreno, o exército muçulmano tinha gente mais que suficiente para proteger o enclave e não o fez. Se existia esta vantagem militar e se não houve uso do armamento disponibilizado pela ONU para recolha, o seu comportamento foi o oposto do que vinha fazendo nos anos anteriores em que massacrava aldeias sérvias na região⁶¹. Houve mesmo confrontamentos na liderança muçulmana, o que mostra que a ideia de abandonar o enclave não era bem acolhida por todos. Contudo, esta questão permanece inconcebível apesar dos anos. A escapada de Naser Oric do enclave criou essa divisão: até hoje não se sabe a razão efetiva pela qual abandonou Srebrenica em Abril. Por outro lado, as autoridades civis muçulmanas não só não ajudaram a ONU a evacuar os civis, como exigiram que esta veiculasse informações falsas (como o uso de armas químicas). Também as divisões muçulmanas que se encontravam mais a Nordeste sabiam com antecipação do que poderia acontecer e nada fizeram para evitar o ataque (BRANCO, 2016). Aliás, semearam o pânico com a ideia de falta de comida, quando se sabia pelos militares e pela ONU que chegavam todos os dias mantimentos através do contrabando. “A versão de uma negociata corria à boca cheia entre a população do enclave. Era óbvio que os enclaves (...) passariam para o controlo dos sérvios” (BRANCO, 2016, p.199).

A queda dos enclaves estava prevista pela comunidade internacional⁶² pois só assim se permitiria uma efetiva divisão da Bósnia em linhas etnicamente “puras”, como pretendia a linha americana e aconteceu com Dayton. O ataque a Srebrenica foi assim mais uma prova da inabilidade política dos sérvios bósnios. Srebrenica prejudicou-os porque se a sua credibilidade já era mínima, passaram a não ter nenhuma: a prova é que o embargo de armas aos muçulmanos (que sempre as tinham recebido furtivamente) foi levantado após a notícia do que acontecera. Izetbegovic sabia que os enclaves estavam perdidos: nesse sentido, Srebrenica foi “sacrificada” (BRANCO, 2016, p.200) em função da noção de martírio, já que permitiu tirar dividendos políticos e militares da situação. O “catalisador

⁶¹ Os ataques junto ao vale do Drina, já mencionados. Ver Beloff (1997).

⁶² No fim, só Gorazde permaneceu em mãos muçulmanas.

específico” (BRANCO, 2016, p.201) que impeliu a intervenção contra os sérvios surgiu pouco mais tarde com o segundo bombardeamento do mercado de Markale⁶³. Isso provou que quem ganhou com a queda do enclave foi a liderança muçulmana: se estes tivessem defendido o enclave, davam razão aos sérvios, pois mostravam que a zona não era desmilitarizada (ao contrário do que papagueavam os media internacionais). Ao não fazê-lo, jogaram a cartada mediática da vitimização. Se os sérvios tivessem planeado o genocídio, teriam cercado o enclave com antecedência, não teriam deixado sair imensas pessoas de autocarro e não teriam deixado escapar gente para a Sérvia, do outro lado do Drina⁶⁴. Estas informações fora ocultadas da opinião pública para se reforçar a tese do genocídio: o número de 8000 mortos foi algo que “num ápice se transformou em verdade absoluta” (BRANCO, 2016, p.202). No entanto, o facto de 3000 pessoas dessa lista constarem dos cadernos eleitorais das eleições bósnias de 1996 (e terem votado) foi ocultado da verdade dominante; “do *sound bite* à verdade histórica vai uma grande distância” (BRANCO, 2016, p.202).

Há várias questões que permanecem sem resposta exatamente por causa da cortina de fumo que os media internacionais ergueram sobre Srebrenica: “quantos prisioneiros foram executados? Quantos combatentes morreram em combate? Quando e onde foram mortos? Quantos morreram devido ao “fogo amigo”⁶⁵? Em que condições morreram os soldados (...) que fugiram do enclave?” (BRANCO, 2016, p.202). Srebrenica levanta demasiadas questões incômodas que, a serem resolvidas (provavelmente nunca o serão), mostrariam o péssimo serviço que as máquinas internacionais de informação (melhor, de desinformação) forneceram à opinião pública. Isto não é negar que o massacre aconteceu: é perguntar pelas condições em que aconteceu, algo que, ainda hoje, pouca gente faz. Mais: o tratamento dado a Srebrenica choca com o que foi dado à questão da Krajina, na qual se manteve um silêncio cúmplice: “os acontecimentos da Krajina nunca foram considerados genocídio pelo Tribunal (de Haia). Sobre estes incidentes os media internacionais mantiveram um prudente distanciamento; um silêncio cúmplice e ensurdecedor” (BRANCO, 2016, p.204).

Conclusão

Aquilo que Carlos Branco melhor nos mostra ao longo do seu texto é a enorme discrepância entre a narrativa oficial sobre os acontecimentos nas guerras da ex-Jugoslávia

⁶³ Branco, assim como Lewis MacKenzie e Peter Brock, entre outros, mostra que os ataques de Markale (assim como o da “fila do pão”) só poderiam ter sido levados a cabo pelos muçulmanos para culparem os sérvios perante a comunidade internacional através da voragem dos media. O que prova isso são os relatórios de balística e artilharia que nunca apareceram nos media internacionais e se o fizeram foi através de pequenas notícias de rodapé às quais ninguém prestou atenção. O interesse em atribuir os ataques aos sérvios estava em legitimar o mais depressa possível a intervenção da NATO, o que viria a acontecer. Diz Branco (2016, p.219) já no final do livro: “a verdade não era a preocupação do momento, mas sim iniciar os bombardeamentos tão depressa quanto possível.”. Ver também Brock (2005), MacKenzie (1993) e Pereira (1995).

⁶⁴ O autor nega a noção de genocídio e fala, isso sim, em crime de guerra.

⁶⁵ Expressão militar que designa o fogo atirado de posições pertencentes ao próprio grupo beligerante.

e o que ele próprio pôde presenciar durante a sua passagem pelo terreno⁶⁶. É evidente que o “estar lá” não é, à partida, garantia de fidelidade a uma narrativa sólida e assente em factos. Muitos foram, aliás, os jornalistas que estiveram na ex-Jugoslávia e que nas suas reportagens não fizeram mais do que “vomitar” os estereótipos relacionados com a “vampirização” dos sérvios. Aliás, a grande maioria fez isso, sendo o caso mais paradigmático o da jornalista da CNN Christiane Amanpour. Contudo, o que Branco diz é outra coisa: é que, se se tivessem dado ao trabalho de investigar as coisas de forma mais aprofundada (em vez de se deixarem submergir no contexto da velocidade informativa), teriam descoberto uma realidade mais complexa e mais intrincada do que aquilo que mostravam. Nesse sentido, o que Branco faz, acima de tudo, é uma crítica ao facilitismo. A voragem de imagens que foi enviada desde a frente de guerra obedecia a uma visão dualista que em nada tinha a ver com a realidade: era, isso sim, uma ficção que servia como cortina de fumo que impedia o acesso à mesma. No seio desta é óbvio que os sérvios, não sendo os únicos “maus da fita”, também o foram. Cometeram massacres, mataram civis inocentes, limparam aldeias de modo a “purificá-las”. O problema surge com o facto de não terem sido os únicos a fazê-lo e é nisso que se centra o processo de ocultação desmontado por Carlos Branco. É que, ao serem colocados no lugar do “vampiro” sedento de sangue, a visualização dos sérvios permite, no mesmo passo, ocultar todas as atrocidades cometidas pelos outros, fossem estes muçulmanos bósnios, croatas ou mais tarde kosovares, quando a guerra se estendeu ao Kosovo. Um dos casos paradigmáticos é precisamente o das bombas que caíram no centro de Sarajevo em três ocasiões: o chamado “massacre da fila do pão” e os dois do mercado de Markale. O surgimento imediato das câmaras de televisão levou a uma culpabilização simultânea e veloz dos sérvios. Dada a veiculação apressada dessa “verdade” (do ponto de vista do exército mediático que pululava na cidade), quando os peritos de balística da ONU mostraram que os projéteis não poderiam ter vindo das colinas adjacentes ao centro da cidade⁶⁷, onde estavam os sérvios, mas que tinham uma proveniência mais próxima, quase ninguém notou.

É neste mesmo contexto que Branco estabelece o paralelo entre a Krajina e Srebrenica: ninguém prestou atenção à Krajina (até porque a soldadesca croata não o permitiu) porque Srebrenica já era suficiente para se demonstrar a “verdade”. É neste sentido que o trabalho de Carlos Branco é um contributo decisivo para sabermos hoje o que se passou nas guerras de dissolução da antiga Jugoslávia. Numa altura em que a Europa assiste a uma nova guerra (enquanto escrevo, prossegue a invasão russa da Ucrânia), trabalhos deste género são fundamentais para entendermos o papel dos media nas guerras contemporâneas. É óbvio que a Ucrânia acontece numa altura nova: a guerra hoje é vista nas redes sociais e é travada em grande parte por artefactos robóticos, como é o caso dos “drones”. Contudo, os media tradicionais também lá estão (incluindo a incontornável Christiane Amanpour) e o que se passou na Jugoslávia deve servir-nos de lição para não confiarmos de modo absoluto no que nos entra pela casa de modo

⁶⁶ Não é o único; embora a maior parte dos jornalistas tenha entrado na “roda da fortuna” do discurso maniqueísta ao jeito da CNN, houve honrosas exceções.

⁶⁷ Ver a nota anterior sobre esta questão.

televisonado. O texto de Branco é assim um grande contributo para o nosso sentido de alerta.

NAZARETH, F. Truth as Hiding: The War in the Balkans by Carlos Branco. **Revista de Letras**, São Paulo, v.61, n.2, p.37-54, 2021.

- **ABSTRACT:** *This essay analyses Carlos Branco's book "A Guerra nos Balcãs" (war in the Balkans) taking into account the analytical process it develops around the work of the media in the Yugoslav conflicts, therefore dissecting the idea of "concealment" – or better, disinformation – that they produced in order to present a Manichean "truth" which was easy to swallow in its dualism and that contrasts with what he saw on the ground while serving the United Nations. Branco shows, through his experiences in Mostar – where he noticed the close connections of the Croat army to Germany and the entrance of Islamic fighters in Europe through Bosnia (once he had the possibility to witness the not much noticed conflict between Croats and Muslims), – in the Krajina – where he witnessed the expulsion of thousands of Serbs by the Croatian army with the support of NATO - and in Zagreb – where as the vice-chief of staff at the Operational Command he had access to detailed reports of what happened at the Srebrenica massacre – that the news coverage of the war was very superficial and followed a paradigm of demonization of the Serbs by not showing that the massacres committed at the wars were done by all the factions and not only one. Branco leaves us, through this, a reading that prepares us for an analysis of media discourse about conflicts which proposes a more responsible distancing.*
- **KEYWORDS:** *Yugoslavia; CNN; UN; Balkans; Concealment; Srebrenica; Krajina; "Jihad".*

NAZARETH, F. Verdad como Ocultación: La Guerra de los Balcanes en la visión de Carlos Branco. **Revista de Letras**, São Paulo, v.61, n.2, p.37-54, 2021.

- **RESUMEN:** *Este trabajo plantea un análisis del libro "La guerra en los Balcanes", de Carlos Branco, teniendo en cuenta el proceso analítico que este desarrolla en torno a la cobertura de los medios en los enfrentamientos yugoslavos, desmenuzando la idea de "ocultación" —o desinformación, mejor dicho— que los mismos medios produjeron para presentar una "verdad" maniquea y fácil de digerir, en su dualismo, y que contrasta con lo que Branco constató en terreno al servicio de las Naciones Unidas. El autor demuestra, en sus pasos por la ciudad de Mostar —donde se percató de las conexiones del ejército croata con Alemania y de la entrada de combatientes islámicos en Europa a través de Bosnia (ya que tuvo oportunidad de presenciar el poco referido conflicto croata-musulmán), por Krajina, donde fue testigo de la expulsión de miles de serbios por el ejército croata con apoyo de la OTAN y por Zagreb, donde como jefe adjunto de la Oficina de Operaciones tuvo acceso a informes detallados sobre lo que sucedió en la masacre de Srebrenica—*

que la cobertura noticiosa de la guerra fue simplista y se ajustó a un paradigma de satanización de los serbios que no mostró que en las masacres cometidas en las guerras todos los grupos fueron culpables y no solo uno. Branco nos ofrece, por tanto, una lectura que nos prepara para analizar de forma más amplia el discurso mediático sobre conflictos bélicos.

- **PALABRAS CLAVE:** Yugoslavia; CNN; ONU; Balcanes; ocultación; Srebrenica; Krajina; "Yihad".

REFERÊNCIAS

BELOFF, N. **Yugoslavia, An Avoidable War**. London: New European Publications, 1997.

BRANCO, C. M. O Desmembramento da Jugoslávia. In: BRANCO, C. M.; SANTOS, H.; SARAIVA, L. E. (coord.). **A Guerra na Antiga Jugoslávia Vivida na Primeira Pessoa**. Lisboa: Colibri, 2018. p. 37-75.

BRANCO, C. M. **A Guerra nos Balcãs: Jihadismo, Geopolítica e Desinformação**. Lisboa: Colibri, 2016.

BRANCO, C. M. The Muslim National Question in Bosnia. Historical Overview and Analytical Reappraisal. **Revista Militar**, Lisboa, n.2488, p. 567-607, maio 2009. Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/revista/2488>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BROCK, P. **Media Cleansing: Dirty Reporting; Journalism and Tragedy in Yugoslavia**. Los Angeles: GM Books, 2005.

DESCHNER, K. **God and the Fascists: The Vatican Alliance with Mussolini, Franco, Hitler and Pavelic**. New York: Prometheus Books, 2013.

GLENNY, M. **The Balkans: Nationalism, War and the Great Powers**. London: Granta Books, 2000.

GOLDSWORTHY, V. **Inventing Ruritania: The Imperialism of the Imagination**. London: Hurst & Company, 2013.

GRAY, J. **AlQaeda and What it Means to be Modern**. New York: New Press, 2005.

IZETBEGOVIC, A. **The Islamic Declaration: A Programme for the Islamization of Muslims and the Muslim Peoples**. 1990. Disponível em: <https://archive.org/details/3IslamicDeclarationEng/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MACKENZIE, M-G. L. **Peacekeeper: The Road to Sarajevo**. Vancouver: Douglas & MacIntyre, 1993.

NAZARETH, F. Da "Afropa" à "Eurásia": "Territórios-Ponte" Num Olhar Português Sobre os Balcãs. **Revista Communitas**, Rio Branco, v.5, n.10, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5012>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PEREIRA, C. S. **Da Jugoslávia à Jugoslávia**: os Balcãs e a Nova Ordem Europeia. Lisboa: Cotovia, 1995.

RENEHAN, E. J. **The Monroe Doctrine**: The Cornerstone of American Foreign Policy. New York: Chelsea House Publishers, 2007.

RUIZ JIMÉNEZ, J. A. **Y Llegó la Barbarie**: Nacionalismo y Juegos de Poder en la Destrucción de Yugoslavia. Barcelona: Editorial Ariel, 2016.

SALAMAH, A. A. **Sunni and Shiah Perspective on Islam**. Riyadh: Abul-Qasim Publishing House, 1998.

TAYLOR, S. **Inat**: Images of Serbia & the Kosovo Conflict. Ottawa: Esprit de Corps Books, 2000.

TODOROVA, M. **Imagining the Balkans**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

VEIGA, F. **La Fábrica de las Fronteras**: Guerras de Secesión Yugoslavas, 1991-2001. Barcelona: Alianza Editorial, 2011.